

# DOM CASMURRO: DA SÍNDROME DE OTELO À PERSUAÇÃO DO NARRADOR

Luiza Bittencourt MENEGÁS<sup>36</sup>.  
Viviane de Vargas GERIBONE<sup>37</sup>.

**RESUMO:** Baseado na obra *Dom Casmurro*, do renomado escritor Machado de Assis, o presente artigo busca analisar o comportamento do protagonista Bentinho e o modo como o ciúme exacerbado pode ser observado em diversas partes da obra. Pretende-se ponderar acerca dos riscos de o leitor acreditar cegamente no narrador. Por fim, o referido artigo ambiciona descobrir como a figura de Capitu tornou-se um ícone da literatura brasileira e da resistência das mulheres através da história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dom Casmurro; Capitu; Machado de Assis; Literatura; Ciúme.

## 1. Introdução

Escrito por Machado de Assis, *Dom Casmurro* foi publicado pela primeira vez em 1899 contribuindo com a consolidação do movimento realista na literatura brasileira. O referido romance apresenta um enigma que perdura há mais de um século, intrigando leitores das mais variadas gerações: o suposto adultério de Capitu aconteceu ou foi uma invenção de Bentinho? Capitu possuía um caráter duvidoso ou Bentinho não sabia lidar com a grandeza de sua personalidade? O narrador sempre fala a verdade? O artigo em questão tenta solucionar essas dúvidas, ou, em certa medida, destacar informações suficientes para incitar o debate acerca do tema. Até porque, ao se discutir literatura, interessa muito mais observar os recursos estilísticos e linguísticos, utilizados pelo autor, do que o enredo propriamente dito. Assim como o próprio livro não pode trazer uma verdade incontestável, porque, supostamente, ela não existe, o presente artigo se compromete

---

<sup>36</sup>Graduanda do 3º semestre do Curso de Direito da Universidade da Região da Campanha - URCAMP, *Campus* Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: luizabmenegas@hotmail.com

<sup>37</sup>Doutoranda em Letras - Estudos da Linguagem/UFRGS, Mestra em Educação e Professora de Língua Portuguesa & Literatura, da Universidade da Região da Campanha - URCAMP, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, *Campus* Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: vivianegeribone@urcamp.edu.br

com um amplo debate interpretativo, longe do estabelecimento de verdades inabaláveis.

O livro *Dom Casmurro* é uma história inesquecível, não só pelo seu mistério, mas também pelos seus personagens. Um livro que torna impossível para o leitor não refletir, estimulando-o a não aceitar uma ideia pronta. Infelizmente, o livro em questão está sendo negligenciado por professores e estudantes, pela forma como é trabalhado nas escolas, com a imposição da leitura, e a consequente cobrança de fichas e resumos apenas interessados em avaliar o conhecimento acerca do enredo, deixando de lado o estímulo à leitura por fruição e o poder de sugestão que uma obra literária tem a capacidade de suscitar em seus leitores.

Diante do exposto em relação ao romance realista *Dom Casmurro*, considera-se que, se pelo menos uma pessoa se interessar em conhecer a obra, após ler esse artigo, ou questionar suas conclusões caso já a tenha lido, a missão desse estudo foi cumprida. Para tanto, encaminha-se o leitor a uma aproximação em relação aos pontos mais relevantes do referido romance.

## **2. O comportamento problemático de Bento Santiago**

O livro *Dom Casmurro*, possui como protagonista e narrador o personagem Bento Santiago (Bentinho), que ganhou a alcunha de “*Dom Casmurro*”<sup>38</sup> por ser considerado absurdamente rude ao cair no sono enquanto um conhecido ‘de vista’ recitava-lhe versos. O livro é narrado pela versão adulta de Bento Santiago, quase no fim da vida, relembando a sua história, especialmente as lembranças de sua juventude.

Bentinho, logo no início de sua narração, explica a formação de sua paixão por Capitu – ressaltando a palavra “paixão” e não “amor” – que acontece de forma repentina e com uma intensidade inexplicável. Porém, qualquer ideia de relacionamento é interrompida pelos

---

<sup>38</sup> Pela definição do protagonista, *Casmurro* teria se dado no sentido de homem calado e metido consigo. *Dom* teria vindo por ironia, para atribuir-lhe fumo de fidalgo.

planos de Dona Glória, mãe de Bentinho, que por uma promessa religiosa antiga, deve colocá-lo no Seminário para ser padre. Afastado de sua família e de sua amada Capitu, Bentinho recebe notícias apenas por José Dias, agregado e amigo da família, que possuía tais características de um mentiroso: “José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servir a prolongar as frases.” (1981, p. 9) Além da citada característica, José Dias possuía forte influência na família, uma grande aversão ao pai de Capitu (Sr. Pádua), e abusava dos superlativos para convencer as pessoas de suas opiniões, atitude presente em diversas partes do livro, citam-se alguns exemplos: I – Para convencer Dona Glória a colocar Bentinho no seminário: “*Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do ‘Tartaruga’, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.*” (p. 8); II – Para convencê-la (Dona Glória) das segundas intenções de Capitu e Bentinho: “[...] *Em segredinho, sempre juntos. Bentinho quase que não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira que ... Compreendo seu gesto; a senhora não crê em tal cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida...*” (p. 8); III – Para convencer Bentinho a afastar-se do Sr. Pádua e Capitu: “*Você está ficando moço, e ele (Pádua) vai tomando confiança. Dona Glória, afinal, não pode gostar disto. A gente Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu ... você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderiam passar, se não fosse a vaidade e a adulação.*” (p. 36); IV – Insinuar (durante um telefonema) a superação de Capitu diante da partida de Bentinho: “*(Capitu) Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela.*” (p. 86).

José Dias, portanto, torna-se o informante mais perigoso de um ciumento patológico. Tal patologia mostra-se presente no comportamento do narrador após o comentário do exemplo IV descrito acima, quando Bentinho explica que está tomado por: “[...] um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúmes, leitor das minhas entranhas.”

(1981, p. 86). Mas a existência do ciúme ligado à imaginação é apresentada de forma leve e natural no início do livro, como é possível perceber no comentário: “Não, a imaginação de Ariosto não é mais fértil que a das crianças e dos namorados.” (p. 41).

A partir do citado comentário de José Dias, Bentinho assume um comportamento impulsivo e abusivo em relação à Capitu, criando paranoias por quaisquer menções à mesma em contato com uma pessoa do sexo oposto. Com a simples frase “[...] enquanto não pegar algum peralta na vizinhança”, (p. 86) Bentinho começa a lembrar de peraltas que passavam olhando para Capitu e vê segundas intenções no que antes não teria pensando duas vezes, diz que o mal (da possível traição de Capitu) aparecia-lhe “não só possível, mas certo” (p. 86), e baseando-se na simples alegria de Capitu - que pelo comentário de José Dias, subentende-se como algo inerente à sua personalidade - conclui que não só a traição já havia ocorrido, como Capitu já estaria namorando algum peralta. Imagina gestos românticos que teriam trocado entre si, assim como teriam trocado “Outras coisas” (p. 87). Tendo enfim, a vontade de correr do seminário, **agarrar** Capitu e obrigá-la a confessar quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. Tal conjectura havia **cegado** e **ensurdecido** momentaneamente Bentinho. Vale ressaltar que tal teoria formou-se em poucos **minutos** ou até **segundos**, porque José Dias continuava na linha (p. 87). Portanto, se tal conjectura se deu em um período de tempo absurdamente curto, imagina-se o que Bentinho teria capacidade de imaginar durante anos a fio.

Embora a palavra “ciúme” na sua origem do latim e grego refira-se a um fervor, um ardor ou um amor pela disputa, o ciúme é geralmente caracterizado como uma emoção negativa que é despertada quando um indivíduo perde (ou teme perder) um relacionamento valioso devido à ameaça de um rival real (ou imaginário) (KINGHAM, GORDON, 1955; 122: 367-374).

O termo “Síndrome de Otelo” foi criado em 1955 por Todd and Dewhurst (1955; 122: 367-374) e tem a origem derivada da tragédia Shakespereana *Otelo*. Cujo protagonista homônimo é controlado por um ciúme patológico, baseado somente em suposições, Otelo mata

sua esposa Desdêmona e comete suicídio. Essa síndrome se refere a uma condição psiquiátrica na qual o grau de ciúme e/ou crença na infidelidade de sua esposa alcança uma delirante intensidade. Os pacientes podem reunir evidências baseadas em eventos aleatórios, partes de conversas, ou itens de sua casa que estejam em lugares diferentes para sustentar suas suspeitas. Relatos clínicos notaram a associação dessa condição mórbida tanto em psicoses funcionais como orgânicas (HASSANYEH et al., 1991; HODGSON et al., 1992; GOGGINS et al., 2004) como a esquizofrenia paranoide ou transtorno de humor com características psicóticas (SHEPHERD., 1961; ENOCH et al., 1979). Em casos extremos, fazendo jus ao nome, pessoas afetadas com a síndrome de Otelo, podem apelar para agressões físicas, homicídio e/ou suicídio.

Sigmund Freud (1922) contribuiu para tal estudo, criando três camadas do ciúme: O ciúme concorrencial ou normal; o ciúme projetado e o ciúme delirante. Tendo em vista o foco na síndrome de Otelo, ignora-se a primeira camada. O ciúme projetado é um processo inconsciente, sendo uma projeção de um desejo de trair recalcado. Em contraposição, o ciúme delirante tem raízes na homossexualidade reprimida, quando, a pessoa ao ter impulsos homossexuais, projeta tal desejo em seu/a parceiro/a como uma defesa.

Após a apresentação dessa base teórica sobre o comportamento de uma pessoa afetada pela síndrome de Otelo, pode-se voltar a analisar o comportamento de Bento Santiago, esse polêmico e irreverente protagonista.

Bentinho, um seminarista sem vocação, acaba, pelo acaso, conhecendo Ezequiel de Sousa Escobar, outro seminarista sem vocação, por quem Bentinho possuía deveras admiração.

Era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo. Quem não estivesse acostumado com ele podia acaso sentir-se mal, não sabendo por onde lhe pegasse. Não fitava de rosto, não falava claro nem seguido; as mãos não apertavam as outras, nem se deixavam apertar delas, porque os dedos, sendo delgados e curtos, quando a gente cuidava tê-los entre os seus, já não tinha nada. O mesmo digo dos pés, que tão depressa estavam aqui como lá. Esta dificuldade em pousar foi

o maior obstáculo que achou para tomar os costumes do seminário. (Machado de Assis, 1981, p. 78-79).

Bentinho e Escobar tornaram-se grandes amigos em pouco tempo, e este virou confidente daquele e, no futuro, seu rival – mais pela percepção que um tinha do outro do que pelos fatos; lembre-se, afinal que o leitor só tem acesso ao olhar de Bentinho, altamente questionável, a partir das considerações apresentadas, inclusive, sobre a síndrome de Otelo. Será com a ajuda de Escobar que Bentinho conseguirá, posteriormente, convencer a sua mãe a deixá-lo largar o seminário.

Como o romance é narrado por um Bento Santiago bastante maduro, já com uma idade avançada, a obra de Otelo mostra-se presente tanto nos títulos dos capítulos como no desenvolvimento dos mesmos, seja pelo impacto que tal obra lhe causou, seja pelo fato de que a própria obra Dom Casmurro possui diversas semelhanças com a obra Otelo. Machado de Assis então, mostra com ironia o desequilíbrio de Bentinho, por acreditar que a sua “Desdêmona”, ao contrário da de Otelo, seria de fato culpada.

Em uma tarde, um cavaleiro passa na rua, olha para Capitu e Capitu para ele. E, apenas com essa simples troca de olhares, Bentinho conclui suas suspeitas acerca da possível traição, demonstrando sua impulsividade com: “Vão lá raciocinar com um coração de brasa, como era o meu!” (p. 100) e seu desequilíbrio emocional e tendências violentas com: “A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair à vida como o sangue...” (p. 101). Descobrimo logo após ser completamente infundada a sua suspeita, visto que Capitu nem conhecia o rapaz, que já era noivo de outra garota.

O tempo passa, Bentinho consegue sair do seminário com a ajuda de Escobar e vai estudar direito em São Paulo, casando-se logo após com Capitu e tendo um filho com ela, que se chamaria Ezequiel.

Ezequiel demonstrou desde tenra idade, uma mania de imitar os outros, qualquer pessoa que ele via, imitava. Logo, é lógico imaginar que ele iria adquirir trejeitos das pessoas com que possuía maior

convivência, e, no caso, convivia quase - se não diariamente - com a família de Escobar.

O ciúme de Bentinho começou então a ser dirigido a tudo e a todos, desde seu melhor amigo, até o mar. Tal ciúme patológico é confessado pelo próprio narrador:

Por falar nisto, é natural que me perguntes se, sendo antes tão cioso dela, não continuei a sê-lo apesar do filho e dos anos. Sim, senhor, continuei. Continuei, a tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muitas vezes só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúme de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. (Machado de Assis, 1981, p. 142).

E, a partir das três citações seguintes, é possível ver claramente a evolução da doença, partindo de um medo de ser trocado, passando por um ciúme completamente irracional, chegando, enfim, a pensamentos suicidas e violentos:

(Os braços de Capitu) Eram os mais belos da noite, a ponto que me encheram de desvanecimento. Conversava mal com as outras pessoas, só para vê-los, por mais que eles se entrelaçassem aos das casacas alheias. Já não foi assim no segundo baile; nesse, quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles as mangas pretas, fiquei vexado e aborrecido. Ao terceiro não fui, e aqui tive o apoio de Escobar, a quem confiei candidamente os meus tédios; concordou logo comigo. (Machado de Assis, 1981, p. 132-133).

Para encaminhar o leitor a alguns acontecimentos desenvolvidos do romance: Escobar, apaixonado pelo mar, acaba, por ironia do destino, tendo sua morte causada por ele. Capitu, então, consola Sancha, como fazia desde menina. E, como quaisquer outros acontecimentos irrelevantes, Bentinho crê ser outra prova de sua traição:

A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou

de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (Machado de Assis, 1981, p. 152-153).

Por fim, já confiante na veracidade de suas suposições, Bentinho atinge um grau extremo de sua patologia, desenvolvendo pensamentos suicidas e violentos. Tudo isso teve como gatilho a obra *Otelo*, descrita na citação a seguir:

O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público.  
“E era inocente”, vinha eu dizendo rua abaixo; “que faria o público, se ela deveras fosse culpada, tão culpada como Capitu? Um travesseiro não bastaria; era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó, e o pó seria lançado ao vento, como eterna extinção...” (Machado de Assis, 1981, p. 162).

Bentinho, decidido a dar um fim a todo sofrimento, compra um veneno para matar-se, decidindo ingeri-lo no café. Por um impulso, quase força seu filho Ezequiel a bebê-lo, mas, assim como para seu suicídio, falta-lhe coragem.

Capitu decide então dar fim a toda essa história, cansada de viver pressionada pelo ciúme do marido, pede o divórcio e faz a seguinte declaração: “Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!” (p. 166).

Acaba-se o casamento, permanece a dúvida, tanto para Bentinho, como para o leitor. Passa-se mais de um século desde a primeira edição do livro *Dom Casmurro* e embora todas as provas apontem para a inocência de Capitu, é impossível possuir total convicção, visto que ela jamais teve chance de se justificar em vida. Cabe imaginar que a semelhança entre Ezequiel e Escobar seja pelo mesmo motivo da semelhança entre Capitu e a mãe de Sancha, que pelas palavras de



Gurgel (Pai de Sancha): “Na vida há dessas semelhanças assim esquisitas” (p. 110).

### 3. Como o narrador mente

O livro Dom Casmurro configura um romance tão realista que poderia ser considerado como uma “autobiografia” de Bentinho, que, da forma mais humana possível, altera eventos de sua história, baseando-se somente na sua percepção de mundo e utiliza-se de forte persuasão para mostrar ao leitor como ele, nosso narrador casmurro, estava certo durante todo o tempo.

Uma autobiografia, via de regra, exclui todos os momentos vergonhosos pelos quais a pessoa passou e não possuiu coragem suficiente para contar ao mundo, retirando partes da história ou alterando-as. Não é possível descobrir se a história aconteceu de fato ou não – pois se trata de um romance, ou seja, de um gênero ficcional -, mas é possível questionar, especialmente, o narrador de Dom Casmurro, visto que sua apresentação dos fatos é completamente parcial. Ou seja, não só o próprio narrador pode ter alterado eventos dos quais se envergonha, como pode ter ocultado e manipulado sentimentos que ele mesmo não reconheceu ou reprimiu.

Um leitor menos reverente poderia apreciar outros aspectos importantes da obra, como a ironia e a "sinceridade" de um narrador que talvez não admitisse nem para si mesmo quais eram seus verdadeiros sentimentos e motivações (CERES, 2012).

Através dos estudos de Freud (1922), existem duas hipóteses para explicar o motivo pelo qual Bentinho criou a ideia do adultério de Capitu com Escobar. A primeira utiliza a teoria do ciúme projetado, a partir do qual Bentinho teria desenvolvido sentimentos por Sancha, esposa de Escobar e amiga de Capitu. Já a segunda hipótese, utiliza a teoria do ciúme delirante, a partir do qual Bentinho teria desenvolvido sentimentos pelo próprio Escobar, tal hipótese se aplicaria perfeitamente à ideia de persuasão do narrador que será contextualizada mais adiante neste artigo.

Ambas as hipóteses reforçam a importância da personagem Escobar na vida de Bentinho, e, conseqüentemente, no livro, seja como um interesse romântico, como uma inspiração ou como um rival. Bentinho desenvolve grande afeição por Escobar desde o primeiro encontro, contando-lhe todos os seus segredos e aflições, por confiar nele cegamente. Sua personalidade é forte e ele mostra-se uma pessoa independente, características que o assemelham a Capitu, compondo o duplo de Bentinho.

Pode-se, inclusive, teorizar que a paixão por Capitu não se originou de forma espontânea, mas sim, foi induzida por José Dias no início do livro, ao ver segundas intenções no que antes era somente uma amizade inocente. Diferentemente de sua relação com Escobar, que gerou todo o encanto inicial e que foi notada pelo narrador desde sempre. Tal teoria se baseia no modo como Bentinho descreve cada um, modo esse derivado da descrição dada *a priori* por José Dias: *"Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles [olhos de Capitu], 'olhos de cigana oblíqua e dissimulada'. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim."* (p. 47); *"Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcíssimos; assim os definiu José Dias [...] A cara rapada mostrava uma pele alva e lisa. A testa é que era um pouco baixa, vindo à risca do cabelo quase em cima da sobrancelha esquerda; mas tinha sempre a altura necessária para não afrontar as outras feições, nem diminuir a graça delas."* (p. 97-8).

As opiniões de José Dias, portanto, mostram-se essenciais para a formação das opiniões de Bentinho, por sua falta de personalidade própria, o narrador é incapaz de chegar a tais conclusões por si só. E se durante todo o tempo, Bentinho somente apaixonou-se por Capitu porque José Dias dissera que o havia acontecido? E se seu verdadeiro amor tivesse sido direcionado a seu melhor amigo Escobar, mas Bentinho jamais percebeu já que ninguém o dissera? A demasiada admiração que o narrador possui por Escobar em contraposição à Capitu é palpável. Se analisado com tal olhar, o livro *Dom Casmurro* mostra o desenvolvimento e a repressão de um amor homoafetivo, da mesma forma como mostra o desenvolvimento de um ciúme patológico e um

relacionamento abusivo. Para que se encaminhem essas interpretações, destacam-se algumas passagens do livro:

Primeiramente, na repreensão explícita dos atos afetivos de Bentinho em relação a Escobar, feitos pelo padre do seminário:

Fiquei tão entusiasmado com a facilidade mental do meu amigo, que não pude deixar de abraçá-lo. Era no pátio; outros seminaristas notaram a nossa efusão; um padre que estava com eles não gostou.

– A modéstia, disse-nos, não consente esses gestos excessivos; podem estimar-se com moderação.

Escobar observou-me que os outros e o padre falavam de inveja e propôs-me viver separados. Interrompi-o dizendo que não; se era inveja, tanto pior para eles.

– Quebrems-lhe a castanha na boca!

– Mas...

– Fiquemos ainda mais amigos que até aqui.

Escobar apertou-me a mão às escondidas, com tal força que ainda me doem os dedos. É ilusão, decerto, se não é efeito das longas horas que tenho estado a escrever sem parar. Suspendamos a pena por alguns instantes... (Machado de Assis, 1981, p. 121).

Na sequência, na ambiguidade de seu interesse romântico de Bentinho, que poderia resultar em uma traição contra Capitu, dizendo ainda sentir outra coisa, a qual não especifica:

Apalpei-lhe os braços [de Escobar], como se fossem os de Sancha. Custa-me esta confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar a verdade. Nem só os apalpei com essa idéia, mas ainda senti outra coisa: achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar. (Machado de Assis, 1981, p. 149).

Depois, ao se despedir de Escobar, os sentimentos exacerbados de Bentinho foram notados (segundo o próprio Bentinho) por Capitu de imediato:

Separamo-nos com muito afeto: ele, de dentro do ônibus, ainda me disse adeus, com a mão. Conservei-me à porta, a ver se, ao longe, ainda olharia para trás, mas não olhou.

--Que amigo é esse tamanho? perguntou alguém de uma janela ao pé.

Não é preciso dizer que era Capitu. São cousas que se adivinham

na vida, como nos livros, sejam romances, sejam histórias verdadeiras. Era Capitu, que nos espreitara desde algum tempo, por dentro da veneziana, e agora abrira inteiramente a janela, e aparecera. Viu as nossas despedidas tão rasgadas e afetuosas, e quis saber quem era que me merecia tanto.

--É o Escobar, disse eu indo pôr-me embaixo da janela, a olhar para cima. (Machado de Assis, 1981, p. 98).

Em nenhuma parte do livro, Bentinho descrever com tamanha intensidade sua paixão por Capitu por ela ser apenas quem é. Suas descrições se restringem à sua aparência física, porque sua personalidade é dada como intimidadora ao próprio narrador, sendo considerada prova de sua dissimulação inerente. Tal traço de sua personalidade, descrito novamente por José Dias, é enfatizado diversas vezes no livro, assim como sua criatividade para inventar desculpas. Bentinho toma uma posição, portanto, de vítima, mostrando-se surpreso por tais habilidades natas de Capitu, e insinua que só não havia percebido que a presumida traição de Capitu seria inerente, porque seu coração era deveras puro e inocente, diferente do de Capitu, que seria mau caráter desde o princípio.

Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no cap. IX, ver. 1: "Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti". Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca." (Machado de Assis, 1981, p. 174).

Bentinho, sendo advogado formado, cria então toda a história de traição para culpar Capitu e despejar em alguém todo o seu remorso acumulado, além de desviar a atenção do possível amor reprimido por Escobar. Tais emoções reprimidas o tornam *Dom Casmurro*, que tenta unir "As duas pontas da vida" ao reconstruir em Engenho Novo a sua casa em Matacavalos. E utiliza a escrita narrativa como uma forma de exorcizar seu espírito angustiado, e convencer o leitor que somente a sua história está certa, por não o deixar, em momento

algum, ouvir o que o outro lado tem a dizer.

À primeira vista, elas [histórias] nos parecem inofensivas. As ideias e argumentos do narrador não são apresentados explicitamente em um discurso lógico. Eles estão implícitos na narrativa de uma sequência de eventos. Por esse motivo, quando narramos algo que realmente aconteceu, muitos consideram o que foi dito como uma realidade incontestável. Entretanto, tal realidade não passa de uma interpretação pessoal que uma pessoa deu aos fatos (SCHUTT, 2010).

O narrador, porém, falha em provar a culpa infundada de Capitu, assim como o seu caráter duvidoso, porque a mesma se torna a verdadeira protagonista do livro, que pelas descrições (mesmo que tendenciosas) de sua personalidade, conquista o leitor por esbanjar autoconfiança e uma personalidade fortíssima. Além de virar uma figura da luta da mulher contra a opressão masculina, visto que o próprio livro é um exemplo claro de como é possível convencer inúmeras pessoas de um suposto acontecimento, apenas por um depoimento masculino, mesmo com todas as provas apontando para sua insinceridade.

#### 4. A verdadeira protagonista

*“Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem”<sup>39</sup>.*

Maria Capitolina, após um século, continua conquistando os leitores por sua grandeza de personalidade, sendo algo extremamente único, tendo em vista a época em que o livro foi publicado e o comportamento que ainda era esperado das mulheres nesse período. Capitu, uma mulher independente, espontânea e com vontades claras, não aceita os rótulos impostos e faz o que bem entende. Bentinho, mesmo apaixonado, não consegue lidar com uma pessoa que é o oposto dele em todos os sentidos.

---

<sup>39</sup> Ibid. p. 44

O capítulo “As curiosidades de Capitu” é o que dá vida à personagem, mostrando que ela não só quer saber o que são as coisas, mas o porquê delas existirem e seu propósito, sua sede de conhecimento contribui para destruição do estereótipo de que todas as mulheres possuem uma mentalidade superficial, além de ter ainda mais interesse em aprender assuntos que são considerados “masculinos”.

Se não estudou latim com o Padre Cabral foi porque o padre, depois de lho propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber (Machado de Assis, 1981, p. 44).

Capitu não era e nunca foi a mulher frágil e submissa que no fundo Bentinho, assim como todos os homens da época – e muitos até hoje – esperava. A ideia da mulher submissa e inferior ao homem existe há muito tempo, desde o início das civilizações, quando homens e mulheres trabalhavam na agricultura, homens caçavam e mulheres coletavam grãos e nozes. As religiões politeístas possuíam deusas que representavam a importância da mulher, sendo indispensáveis para a agricultura. Porém, com a maior estabilidade da produção de alimentos, a taxa de natalidade cresceu e os homens começaram a substituir as mulheres no trabalho, porque a maternidade requiritava um esforço muito grande. Tal substituição contribuiu para a criação da sociedade patriarcal, na qual os homens são os “provedores do lar” e as mulheres “donas de casa”. Os homens começaram a ocupar todos os cargos importantes e as mulheres foram cada vez mais excluídas do meio pela alegação de que poderiam engravidar. A submissão feminina foi sustentada pelas leis – como é o caso do Código de Hamurábi, que previa que uma mulher que não “tenha sido uma dona de casa cuidadosa, tenha vadiado, negligenciado sua casa e depreciado seu marido” deveria ser jogada na água – e pela religião como, por exemplo, o cristianismo, que além de Deus e Jesus serem figuras masculinas, mostra como as mulheres deveriam ser submissas a seus maridos:

[...] As mulheres sejam submissas a seus maridos como ao senhor,

pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador.

Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos. (Efésios 5:22-24).

Tendo em vista que as religiões e os livros sagrados foram todos produzidos pelos homens, não é só lógico, como também esperado, que os homens os manipulassem para o seu agrado, de acordo com seus interesses.

Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa a terra. As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios, como vimos pelas frases citadas de Aristóteles e São Tomás. (BEAUVOIR, 1949, p. 19).

Além disso, o adultério feminino era punido de forma muito mais severa do que o masculino, além de obrigar a virgindade da mulher até o casamento. Tudo isso girava em torno dos interesses masculinos, que visavam à herança de seus descendentes, e para terem certeza de que eram seus próprios filhos, reprimiam a sexualidade da mulher. Segundo Clarissa Pinkola Estés (1999, p. 7): “*os instintos foram devastados e seus ciclos naturais femininos transformados à força em ritmos artificiais para agradar aos outros.*”. Tais comportamentos criados pela sociedade patriarcal afetaram também os homens, no sentido de precisarem provar constantemente a sua virilidade, porque usar vestimentas tipicamente femininas e ser homossexual – até hoje, um homem homossexual é descrito por muitos como um homem que ‘quer ser mulher’ por gostar de outros homens e agir de forma delicada, percebe-se que o problema não é se relacionar com outros homens em si, já que tal comportamento era extremamente comum na Grécia Antiga, mas sim, agir como uma mulher -, essa atitude era, e ainda é, em grande escala, vista como um desgosto para sua família.

O surgimento da revolução industrial no século XVIII, traz como consequência o retorno da mulher no trabalho produtor. Os homens observam tal mudança como uma ameaça inerente, porque as

mulheres trabalhariam mais que eles por um salário menor, fazendo com que muitos perdessem seus cargos para elas. O movimento feminista, então, entra em um conflito direto com a imposição dos “bons costumes”, segundo Simone de Beauvoir (1949, p. 20): “*A fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não só para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc.*” Felizmente, as mulheres se mantiveram firmes durante esse período de transição, conquistando seus direitos e aumentando cada vez mais a sua autonomia, o que teve uma evolução expressiva com o surgimento da pílula anticoncepcional e o direito do voto feminino.

Porém, ainda hoje os homens encaram as mulheres independentes como uma ameaça a sua própria virilidade, querendo submetê-las aos mesmos papéis que as mulheres lutaram tanto para se livrar. Tudo isso pode ser explicado pelo medo de alguns homens dos papéis se invertermem, pois como Sócrates afirma: “*Quando igualada ao homem, a mulher se torna superior.*” Por isso é possível perceber que homens seguros de si mesmos e de sua própria masculinidade, tratam as mulheres como semelhantes.

Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na Mulher, um semelhante. (BEAUVOIR, 1949, p. 22).

Capitu, por possuir a criatividade e mente aberta que Bentinho nunca foi capaz de ter, ele acaba, por insegurança, duvidando de seu caráter, por sentir-se intimidado com a grandeza de uma mulher que bem se quer.

Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até à cabeça. Esse alvorecer era mais apressado, agora que eu a via de dias a dias; de cada vez que vinha a casa achava-a mais alta e mais cheia; os olhos pareciam ter outra reflexão, e a boca outro império. (ASSIS, 1981, p. 109).



O silêncio da mulher é então, demonstrado na obra *Dom Casmurro*, por ser dada como culpada, mesmo sem provas, mesmo sem culpa. Porque se um homem diz que algum acontecimento é verdadeiro, não haveria motivos para duvidar.

Uma personagem polêmica e completamente única, a verdadeira protagonista do livro, que, mesmo calada, acusada e difamada, ao final do livro, nem Bentinho consegue provar que o adultério aconteceu, nem o leitor consegue acreditar na história inventada e manipulada pelo narrador. Sem nunca deixar sua atitude de lado, acabou infeliz e sozinha, condenada por recusar-se a ser submissa em uma sociedade machista, guiada pelo patriarcado. Bentinho cortou-lhe as asas e tentou apagar o seu brilho. Pelo medo do desconhecido, resolveu oprimi-la, um exemplo clássico de um relacionamento abusivo.

Capitu morreu sozinha, perdeu o amor de sua vida, seus pais, seus amigos e a vida que tinha, mas tornou-se um exemplo para as futuras gerações, por mostrar que é necessário se preparar para perdas e críticas, para se tornar quem nasceu pra ser.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa foi realizada por conta de um interesse imediato de provar a inocência de Capitu, após a leitura do livro, foi impossível aceitar a injustiça das afirmações tendenciosas de Bentinho, e como Capitu não pôde defender-se por conta própria, tal defesa é passada a qualquer pessoa que se comova ou se identifique com sua história.

Cabe aos leitores agradecer a Machado de Assis por ter feito uma obra tão significativa para a literatura brasileira, é difícil encontrar obras que incitam a reflexão na época das informações instantâneas, onde as pessoas adotam ideologias para fazerem parte de um grupo, cegando-as para outros pontos de vista.

Além disso, o livro é importantíssimo como um exemplo jurídico do perigo de não escutar o lado acusado, de como o ciúme não deve ser normalizado, uma vez que pode alcançar graus violentos. E para mostrar que quando uma mulher está destinada a ser protagonista de sua história, nem mesmo uma figura masculina opressora e

persuasiva pode impedi-la.

Machado de Assis, embora morto em sua forma física, será eterno em sua memória, por encantar a todos que ousarem ser tão curiosos como Capitu.

GERIBONE, V. V.; MENEGÁS, L. B.. Dom Casmurro: da síndrome de Otelo à persuasão do narrador. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 232-250,2018.

### DOM CASMURRO: FROM THE OTHELLO SYNDROME TO THE PERSUASION OF THE STORYTELLER

**ABSTRACT:** Based on the work Dom Casmurro, by the illustrious writer Machado de Assis, the present article seeks to analyze the behavior of the protagonist Bentinho and the way that the exacerbated jealousy can be observed in various parts of the work. It is intended to develop a weighing on the risks of blindly trusting the narrator. Finally, the referred article ambitions to discover how the figure of Capitu became an icon of Brazilian literature and women's resistance throughout history.

**KEYWORDS:** Dom Casmurro, Capitu, Literature; Jealously.

### Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1981.

KINGHAM M, GORDON H. *Aspects of morbid jealousy*. *Adv. Psychiatr. Treat.* 2004; 10:207-215.

TODD J, DEWHURST K. *The Othello syndrome: A study in the psychopathology of sexual jealousy*. *J. Nerv. Ment. Dis.* 1955; 122: 367-374.

HODGSON RE, MURRAY D, Woods MR. *Othello's syndrome and hyperthyroidism*. *J. Nerv. Ment. Dis.* 1992; 180: 663- 664.

GOGGINS R, Emerson C, NOWERS M. *Othello syndrome in association with primary hyperthyroidism*. *Psychiatry Online*. 2004.

HASSANYEH F, MURRAY RB, RODGERS H. *Adrenocortical suppression presenting with agitated depression, morbid jealousy, and a dementia-like state*. *Br. J. Psychiatry* 1991; 159: 870-872.

ENOCH MD, TRETOWAN WH. *Uncommon Psychiatric Syndromes*. Year Book Medical, Chicago, IL, 1979; 36-49.

SHEPHERD M. *Morbid Jealousy. Some clinical and social aspects of a psychiatric symptom*. *J. Ment. Sci.* 1961; 107: 687-704.

- FREUD, Sigmund. *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*. Obras Completas. 1922. Rio de Janeiro, RJ: Imago. v. 18.
- CIPRIANI, Gabriele, VEDOVELLO, Marcella, NUTI, Angelo, FIORINO, Andrea di. *Dangerous passion: Othello syndrome and dementia*. 2012. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1440-1819.2012.02386.x>>. Acesso: 25 abril 2018.
- MELLVEE, Fernanda. *Dom Casmurro: A força do ciúme*. 2013. Disponível em: <<http://sapereaodelivros.blogspot.com.br/2013/10/dom-casmurro-forca-do-ciume.html>> Acesso: 25 abril 2018.
- SÃO FRANCISCO, Portal. *Síndrome de Othello*. Sd. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/saude/sindrome-de-otelo>> Acesso: 25 abril 2018.
- CERES, Carla. *Na calada do texto, Bentinho amava Escobar*. 2012. Disponível em: <[http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3651&titulo=Na\\_calada\\_do\\_texto,\\_Bentinho\\_amava\\_Escobar](http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3651&titulo=Na_calada_do_texto,_Bentinho_amava_Escobar)> Acesso: 3 maio 2018.
- REHEM, Osmar Miranda. *No limiar da fronteira: a relação Bentinho-Escobar*. Sd. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel\\_anais.p269-278.pdf](http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p269-278.pdf)> Acesso: 3 maio 2018.
- OLIVA, Osmar Pereira. *Amizade masculina e homoerotismo em Dom Casmurro, de Machado de Assis*. Sd. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-68212017000300074#fn35](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212017000300074#fn35)> Acesso: 3 maio 2018.
- SCHUTT, Diego. *O poder secreto de influência e persuasão das histórias*. 2010. Disponível em: <<http://ficcao.emtopicos.com/2010/11/por-que-voce-precisa-contar-historias-mais-profundas/>> Acesso: 4 maio 2018.
- LANDIM, Evaní Dias Paes, CASTRO, Tamar Rabelo de. *Um olhar feminista sobre a construção patriarcal da personagem Capitu*. 2015. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/um-olhar-feminista-sobre-a-construcao-patriarcal-da-personagem-capitu/129646>> Acesso: 4 maio 2018.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com lobos - Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. ROCCO, Rio de Janeiro. 1999.
- BEAUVOIR, Simone De. *O Segundo Sexo vol. 1 Fatos e mitos*. 3. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 2016.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. 3221 p.
- STEARNS, Peter N. *As origens das civilizações e do patriarcado*. História das Relações de Gênero. Ed. Contexto. 2015. Disponível em: <<http://www.editoracontexto.com.br/blog/as-origens-das-civilizacoes-e-do-patriarcado/>> Acesso: 4 maio 2018.